

Coro

Casa da Música

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Martina Batič direção musical

1 jun 2024 · 18:00 Sala Suggia



casa da música



Entrevista a Martina Batič

APOIO

reseo

REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Anton Bruckner

Três Motetes (1861-1884; c. 15min)

- Ave Maria
- Os justí
- Christus factus est

Missa n.º 2 em Mi menor, WAB 27 (1866/1882; c. 45min)

1. Kyrie
2. Gloria
3. Credo
4. Sanctus
5. Benedictus
6. Agnus Dei

Concerto sem intervalo.

Textos originais e traduções nas páginas 7 a 10.

Anton Bruckner

ANSFELDEN, 1824 –VIENA, 1896

Joseph Anton Bruckner, de quem celebramos em 2024 os 200 anos do nascimento, é considerado hoje uma das figuras mais inovadoras da música europeia da segunda metade do século XIX, ficando especialmente conhecido pelas suas sinfonias e composições sacras, após um longo e controverso caminho de desvalorização, polémica e incompreensão do seu percurso musical.

Nascido na pequena localidade de Ansfelden, na Áustria, Bruckner mostrou o seu talento musical desde tenra idade, ao acompanhar a atividade de professor primário do seu pai, que incluía as funções de organista e responsável pela música na igreja da aldeia. Com 11 anos, os pais enviaram-no para estudar com Johann Baptist Weiss, seu primo, professor e organista na aldeia vizinha de Hörsching, que oferecia um ambiente musical mais evoluído do que Ansfelden.

Com a morte precoce do pai, Bruckner é admitido aos 13 anos no Coro dos Pequenos Cantores do Mosteiro de São Floriano, tendo tomado contacto com compositores clássicos e pré-clássicos austríacos, como os irmãos Joseph e Michael Haydn, o compositor de S. Floriano, Franz Seraph Aumann, cuja música muito admirava, e Mozart, compositores que constituíram as suas primeiras influências. Durante os três anos que esteve no mosteiro, recebeu, também, uma intensa formação e experiência musical e vocal, estudando canto, violino e órgão. O seu catolicismo romano, firmemente estabelecido durante a infância em Ansfelden, foi certamente reforçado aqui, marcando posteriormente a sua atividade musical.

Depois de deixar o mosteiro, Bruckner formou-se como professor primário em Linz, de

1840 a 1841. No entanto, durante este tempo, continuou os seus estudos em teoria musical, canto, órgão e piano, cruzando-se com figuras proeminentes da época como o teórico e professor Johann August Dürmberger, o mestre capela da Catedral de Linz, Karl Zappe, e o organista e maestro Leopold von Zenetti, personalidades que marcaram o seu desenvolvimento musical.

Em 1845, regressa ao Mosteiro de São Floriano, como professor assistente, sendo, mais tarde, professor de canto dos alunos do mosteiro, revelando-se, também, um organista excepcional, com notáveis capacidades de improvisação.

Em novembro de 1855, Bruckner aceita o cargo de organista na Catedral de Linz, e principia a estudar composição com o famoso teórico musical, compositor e professor do Conservatório de Viena, Simon Sechter, formação que durou até 1861. Posteriormente, aprofundou os seus estudos com o violoncelista e maestro do Teatro de Linz, Otto Kitzler, até 1863. Através dele, Bruckner conhece a música de Wagner, rende-se à sua estética e torna-se rapidamente um dos seus discípulos incondicionais. É a partir daqui que começa a adotar aspetos da harmonia e orquestração de Wagner (embora compositores anteriores, como Haydn, Mozart, Beethoven e Schubert, tenham permanecido influências importantes), associando-se à “nova” música que ele representava, mesmo quando isso criou obstáculos à aceitação das suas composições, especialmente pelo importante crítico musical vienense Eduard Hanslick.

A proximidade de Bruckner com a música vocal iniciou na sua infância e prolongou-se ao longo da vida. Durante o tempo que esteve em Linz, fez parte do coro *Liedertafel Frohsinn*, como segundo tenor, tendo sido, também, seu diretor e maestro. Sob a sua direção, o coro *Frohsinn* alcançou uma série de sucessos da

crítica, especificamente em 1861, no Festival de Coros de Krems e em Nuremberga.

Nos finais de 1868, Bruckner muda-se para Viena, onde assume o lugar de professor de harmonia e contraponto no Conservatório de Viena, sucedendo a Simon Sechter, cargo que vai exercer até se aposentar, em 1891. Aí lecionou também órgão e ocupou vários outros cargos, incluindo o de organista na *Hofkapelle* (Capela Real de Viena). Começa, assim, uma nova e decisiva etapa da sua vida musical, no caminho da sua afirmação como músico.

Bruckner foi uma figura solitária, relutante em explicar ou discutir a sua música com os pares, embora se deixasse influenciar por opiniões exteriores. Tinha uma perspetiva musical muito avançada para a época, tendo sido vítima da forte polémica criada entre grupos conservadores, ligados a Brahms, e grupos progressistas defensores do wagnerismo. O mesmo se passou com algumas das suas composições sacras, onde se situou no limiar das controvérsias criadas pelo Movimento Cecilianista, surgido na segunda metade do séc. XIX, com um caráter restauracionista, defendendo o retorno a uma estética musical sacra, ao estilo dos modelos musicais do canto gregoriano e da polifonia renascentista, especialmente da escola romana, de que Palestrina tinha sido o expoente máximo.

Crente, com uma fé inabalável, Bruckner compôs cerca de 40 motetes, que ocupam um lugar de relevo no conjunto da sua vasta obra musical sacra e firmam um longo e profícuo caminho na exploração de diversas linguagens musicais, oferecendo um microcosmo composicional, revelador da progressão e versatilidade da sua atividade criativa e do seu desenvolvimento e evolução como músico.

Neste percurso, Bruckner manifestou a sua grande capacidade na utilização de linguagens

musicais bem contrastantes: desde o uso de meios musicais audazes, modernos e inovadores, da mais arrojada harmonia cromática dos finais do séc. XIX, até ao seu envolvimento com um estilo tradicional, repleto de elementos estilísticos antigos, numa clara concessão aos ideais do Movimento Cecilianista. No entanto, o que mais o caracteriza, especialmente no repertório sacro, é a sua genialidade na combinação destas duas estéticas musicais.

O motete *Ave Maria* (WAB 6), de 1861, para sete vozes (SAATTTBB) a *cappella*, em Fá maior, é um dos três compostos por Bruckner sobre o texto desta oração mariana. Foi com a composição deste motete (e do *Afferentur regi*, no mesmo ano) que revela ter encontrado o seu próprio estilo de música vocal, depois de Simon Sechter ter atestado (num certificado por ele assinado, a 26 de março de 1861) que Bruckner tinha concluído, com sucesso, os estudos de composição realizados sob a sua orientação. Foi interpretado, pela primeira vez, na Catedral de Linz, a 12 de maio de 1861, numa celebração comemorativa da fundação do coro *Liedertafel Frohsinn* que na altura dirigia.

Trata-se de um trabalho composicional digno de relevo que inicia com as vozes femininas, a três partes, a que se seguem as vozes masculinas, a quatro, sendo criado um ambiente musical que culmina no *tutti* vocal, fruto de um desenvolvimento ascendente até ao luminoso acorde de Lá maior, na terceira evocação ao nome de Jesus. A segunda parte, mais serena mas não menos intensa, apresenta um trabalho de apurada retórica musical, a partir de uma tripla evocação a Maria (“Sancta Maria”), tecendo, depois, um sublinhado suplicante na expressão “rogai por nós pecadores”, intensificando a densidade harmónica sobre a palavra “morte”, para repousar no “Amen” final.

Os justi meditabitur (WAB 30) é um motete sacro composto por Anton Bruckner a 18 de julho de 1879, no período em que esteve ao serviço da *Hofkappelle*, em Viena, como organista. Dedicou-o ao seu antigo mestre, Ignaz Traumihler (diretor do coro do mosteiro de São Floriano), que muito o influenciou na sua formação e atividade musicais. Este texto, com versículos do Salmo 37 (Salmo 36 na tradução da *Vulgata*), era usado como Gradual na Festa de Todos os Santos e como Introito e II Gradual, na Festa Comum dos Confessores não Papas.

O trabalho original, com 69 compassos e composto no modo Lídio, para coro *a cappella*, está organizado em duas partes: na primeira, o discurso coral evolui de quatro partes para oito, marcando a centralidade do texto sagrado e alargando a densidade e o âmbito vocal da obra; na segunda, surge um fugato, sem qualquer alteração, que se encaminha para a frase final, em *pianissimo*, assumida pela voz dos sopranos, com um acorde tonal sustentado pelas outras cinco vozes (ATTBB), seguida do “Aleluia” gregoriano, em uníssono.

Posteriormente, a 28 de julho, por sugestão de Traumihler, Bruckner acrescentou o versículo “Inveni David”, em canto gregoriano, para vozes masculinas, com acompanhamento de órgão, extraído do Salmo 89 (Salmo 90, na *Vulgata*), seguido da repetição do “Aleluia”.

Esta homenagem de Bruckner a Traumihler incluía a vontade de estreitar a obra a 31 de julho, Festa de Santo Inácio, o dia da celebração do “nome” do maestro (Ignaz). No entanto, tal não foi possível. Apenas quatro semanas depois, a 28 de agosto, na Festa de Santo Agostinho, a obra foi ouvida pela primeira vez, dirigida pelo homenageado e com Bruckner no órgão. Ignaz Traumihler era um fervoroso defensor do Movimento Cecilianista, razão pela qual Bruckner compôs este motete no modo Lídio,

sem qualquer alteração na clave em toda a partitura, usando sempre acordes inalterados, demonstrando, mesmo assim, ser capaz de exprimir o texto deste magnífico motete em termos musicais, apesar das limitações estilísticas que assumiu.

O motete **Christus factus est** (WAB 11), dedicado ao padre Otto Loidol, do mosteiro beneditino de Krems, é a terceira versão deste Gradual de Quinta-feira Santa, com texto da Carta de S. Paulo aos Filipenses (Fil 2,8-9), para coro a 4 vozes, *a cappella*, em Ré menor, concluído a 28 de maio de 1884, e já manifesta a plena maturidade musical do compositor. A sua primeira audição teve lugar em Viena, a 9 de novembro de 1884. Harmonicamente bastante exploratório, com algumas modulações extraordinárias, associadas às palavras “mortem autem crucis” (até à morte de cruz), segue um caminho quase “sinfónico” de desenvolvimento dinâmico e harmónico, prefigurando o caminho de “obediência até à morte” de Cristo. Apesar de ser possível encontrar elementos musicais associados à sua 7.^a Sinfonia e ao conhecido *Te Deum*, em Dó maior, é a proximidade da sua linguagem musical à referência ao Santo Graal que aparece na ópera *Parsifal* — composta por Wagner em 1882, e a que Bruckner teve oportunidade de assistir no verão desse ano — que sentimos ecoar na expressiva secção do *exaltavit illum*.

A referência final ao “nome que está acima de todos os nomes” exclui qualquer triunfalismo e constrói-se numa progressiva textura sonora que, acompanhada pela harmonia, se transfigura da exaltação até à simplicidade e humildade da Encarnação de Cristo. Este mistério central da fé cristã é simbolizado pela luminosidade do acorde final (Ré maior), depois de uma intensa e impressionante dramaturgia que joga com a

luz e as trevas (pecado e redenção), corporizadas no amplo âmbito tonal em que o motete se movimenta.

A Missa n.º 2, em Mi menor (WAB 27), para coro misto a oito vozes e ensemble de instrumentos de sopro (2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 2 trompetes e 3 trombones), foi composta em 1866, por encomenda do Bispo de Linz, Franz-Josef Rudigier, para celebrar a conclusão da construção da capela votiva da nova catedral neogótica, dedicada à Imaculada Conceição. Devido a um atraso na conclusão da capela, a celebração da dedicação só teve lugar três anos mais tarde, a 29 de setembro de 1869, tendo a missa sido executada pelo coro *Frohsinn*, na nova praça em frente da catedral. Logo nesse ano, a obra foi revista, sofrendo novas revisões em 1876 e 1882. Esta última, designada como segunda versão (que integra este concerto), foi executada na antiga Catedral de Linz, a 4 de outubro de 1885, apresentando cerca de 150 alterações: mais 26 compassos e o aperfeiçoamento de secções instrumentais, especialmente no “Credo” e no “Benedictus”.

Enquanto as grandes obras corais do período de maturidade de Bruckner, como o *Te Deum* (1881-84) e o *Salmo 150* (1892), alargam a síntese estilística e aprofundam a identidade da sua linguagem musical, esta segunda versão da Missa n.º 2 desenvolve um estilo frequentemente influenciado pela monodia gregoriana, ainda que enriquecido com a harmonia cromática. Assim, a par com uma certa concessão à estética cecilianista, Bruckner explorou frequentemente as transformações enarmónicas e modulações “arrojadas” para representar a redenção do Homem através da fé (o que acontece, também, no já referido motete *Christus factus est*).

Alguns breves apontamentos das cinco secções da missa:

O “Kyrie” tem um carácter austero, contrastando as longas secções *a cappella*, para oito vozes, acompanhadas, por vezes, pelo ensemble instrumental, com os momentos mais cromáticos e dissonantes, que tornam a textura vocal mais densa.

O “Gloria” manifesta musicalmente o seu carácter hímnico e laudativo, com vários momentos para coro a quatro vozes, adensando o discurso musical na progressão até às oito. Desta forma, são sublinhadas as partes mais significativas do texto litúrgico. A combinação de uma escrita mais vertical com elementos contrapontísticos salienta a prioridade que o discurso musical confere ao texto e ao contexto litúrgico. Um desenvolvido “Amen”, em forma de fuga, encerra esta parte da missa.

O “Credo” é construído com uma estrutura musical especialmente subordinada à expressão das verdades da fé, através de uma escrita predominantemente homofónica, com mudanças de andamento que lhe imprimem uma dinâmica particular. O momento central desta secção, correspondente ao “Et incarnatus” e “Crucifixus”, revela a profundidade do mistério cristão, com partes *a cappella* e discretas intervenções dos instrumentos, confluindo no “Sepultus est”, em forte contraste com o aclamativo “Ressurrexit” que se lhe segue. O “Credo” termina com um curto, mas majestoso e afirmativo “Amen”.

No “Sanctus” surge o tema da *Missa Brevis* de Palestrina (1570), construindo um clima meditativo e místico, com fortes ressonâncias do antigo estilo, tão caro aos cecilianistas e reforçado pelo início *a cappella*. Os instrumentos só surgem a partir do “Dominus Deus Sabaoth”, ao que se segue um breve “Hossana in excelsis”. Após um longo “Benedictus”, numa

linguagem harmonicamente mais desenvolvida e arrojada, termina com o “Hossana”, mais elaborado que o anterior.

A primeira frase do “Agnus Dei” assume uma intencional simplicidade melódica, numa escrita homófona e vertical, que gradualmente gera uma abertura harmónica e vocal na súplica que se lhe segue — “Miserere nobis”. Na repetição, o âmbito vocal é claramente ampliado, com os sopranos a atingirem o Si bemol. Na terceira frase, surge um contido “Dona nobis pacem”, harmonicamente mais transparente, que repousa num sereno, ainda que luminoso, acorde de Mi maior.

Foi uma obra muito apreciada, mesmo pelos críticos mais conservadores, pela paradigmática síntese, tão original quanto bem-sucedida, entre um estilo mais sinfónico e arrojado e a tradição cecilianista que vai buscar influências estéticas e estilísticas à música antiga.

Muitos caracterizaram Bruckner como um compositor pouco compreendido, com uma personalidade modesta, humilde, no limiar do servilismo, marcada pela ruralidade das suas origens e alimentada por um forte sentimento de inferioridade e de insegurança. No entanto, a sua produção musical revela outra realidade e denuncia os limites redutores desta caracterização. Com a sua afirmação como músico, vieram também os reconhecimentos, dos quais podemos destacar o Doutoramento *honoris causa* da Universidade de Viena, recebido em novembro de 1891. Hoje, em Linz, a universidade com o seu nome promove os estudos superiores de música, teatro e dança, fazendo justiça à sua genialidade musical.

PAULO ANTUNES, 2024

Anton Bruckner

Motetes

Ave Maria

*Ave Maria, gratia plena,
Dominus tecum,
benedicta tu in mulieribus,
et benedictus fructus ventris tui, Jesus.*

*Sancta Maria, Mater Dei,
ora pro nobis peccatoribus,
nunc et in hora mortis nostrae.
Amen.*

Os justí

*Os justí meditabitur sapientiam:
et lingua ejus loquetur judicium.
Lex Dei ejus in corde ipsius:
et non supplantabuntur gressus ejus.
Alleluia.*

Christus factus est

*Christus factus est pro nobis obediens
usque ad mortem autem crucis.*

*Propter quod et Deus exaltavit illum
et dedit illi nomen,
quod est super omne nomen.*

Ave Maria, cheia de graça,
o senhor está contigo,
bendita sejas entre as mulheres,
e bendito o fruto do teu ventre, Jesus.

Santa Maria, mãe de Deus,
roga por nós, pecadores,
agora e na hora da nossa morte.
Ámen.

As palavras do justo são sábias;
ele fala sempre com retidão.
Ele traz no coração a lei de Deus,
por isso os seus passos são firmes.
Alleluia.

Cristo tornou-se obediente por nós,
até à morte de cruz.

Por isso Deus o elevou acima de tudo
e lhe concedeu um nome,
que está acima de todos os nomes.

Anton Bruckner

Missa n.º 2 em Mi menor, WAB 27

1. Kyrie

Kyrie eleison.

Christe eleison.

Kyrie eleison.

Senhor, tem piedade.

Cristo, tem piedade.

Senhor, tem piedade.

2. Gloria

Gloria in excelsis Deo

et in terra pax hominibus bonae voluntatis.

Laudamus te, benedicimus te,

adoramus te, glorificamus te.

Gratias agimus tibi

propter magnam gloriam tuam

Domine Deus, Rex coelestis

Deus Pater Omnipotens,

Domine Fili unigenite Jesu Christe,

Domine Deus, Agnus Dei, Filius Patris.

Qui tollis peccata mundi

miserere nobis.

Qui tollis peccata mundi

suscipe deprecationem nostram.

Qui sedes ad dexteram Patris

miserere nobis.

Quoniam tu solus sanctus, tu solus Dominus,

tu solus altissimus, Jesu Christe.

Cum Sancto Spiritu, in gloria Dei Patris.

Amen.

Glória a Deus nas alturas

e paz na terra aos homens de boa vontade.

Nós te louvamos, nós te bendizemos,

nós te adoramos, nós te glorificamos.

Damos graças a ti

pela tua glória infinita.

Senhor Deus, Rei dos céus,

Deus Pai onipotente,

Senhor Jesus Cristo, filho único de Deus,

Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho do Pai.

Tu que tiras os pecados do mundo

tem piedade de nós.

Tu que tiras os pecados do mundo

aceita nossa súplica.

Tu que estás sentado à direita do Pai

tem piedade de nós.

Porque só tu és santo, só tu és o Senhor,

só tu o altíssimo, Jesus Cristo.

Com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai.

Ámen.

3. Credo

*Credo in unum Deum,
Patrem omnipotentem,
factorem coeli et terrae,
visibilium omnium et invisibilium.
Credo in unum Dominum Jesum Christum,
Filium Dei unigenitum
et ex Patre natum ante omnia saecula.
Deum de Deo, lumen de lumine,
Deum verum de Deo vero,
genitum, non factum, consubstantialem Patri,
per quem omnia facta sunt.
Qui propter nos homines
et propter nostram salutem
descendit de caelis.*

*Et incarnatus est de Spiritu Sancto
ex Maria virgine, et homo factus est.*

*Crucifixus etiam pro nobis,
sub Pontio Pilato passus et sepultus est.*

*Et resurrexit tertia die,
secundum scripturas.
Et ascendit in caelum,
sedet ad dexteram Patris,
et iterum venturus est cum gloria,
iudicare vivos et mortuos,
cujus regni non erit finis.*

*Et in Spiritum Sanctum,
Dominum et vivificantem,
qui ex Patre Filioque procedit,
qui cum Patre et Filio
simul adoratur et conglorificatur,
qui locutus est per prophetas.
Et unam sanctam,
catholicam et apostolicam ecclesiam,
confiteor unum baptisma
in remissionem peccatorum.
Et expecto resurrectionem mortuorum.*

Et vitam venturi saeculi. Amen.

Creio num só Deus,
Pai todo-poderoso,
criador do céu e da terra,
de todas as coisas visíveis e invisíveis.
Creio num só Senhor, Jesus Cristo,
Filho unigénito de Deus
e nascido do Pai antes de todos os séculos.
Deus de Deus, luz de luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,
gerado, não criado, consubstancial ao Pai,
por quem todas as coisas foram feitas.
O qual por nós homens
e para nossa salvação
desceu dos céus.

E se encarnou, por obra do Espírito Santo,
da Virgem Maria e se fez homem.

Foi crucificado por nós,
e sob Pôncio Pilatos padeceu e foi sepultado.

Ressuscitou ao terceiro dia,
segundo as escrituras.
E subiu ao céu,
está sentado à direita do Pai,
e outra vez há de vir com glória
para julgar os vivos e os mortos,
e o seu reino não terá fim.

E no Espírito Santo,
Senhor e fonte de vida,
que procede do Pai e do Filho,
que com o Pai e o Filho
é igualmente adorado e glorificado,
e que falou por meio dos profetas.
E na santa Igreja
católica e apostólica,
confesso um só baptismo
para a remissão dos pecados.
E espero a ressurreição dos mortos.

E a vida do mundo que está para vir. Ámen.

4. Sanctus

*Sanctus, sanctus, sanctus,
Dominus Deus Sabaoth.
Pleni sunt coeli et terra gloriae tuae.
Osanna in excelsis.*

Santo, santo, santo
é o Senhor Deus do Universo.
Os céus e a terra estão cheios da tua glória.
Hossana nas alturas.

5. Benedictus

*Benedictus qui venit in nomine Domini
Osanna in excelsis.*

Bendito o que vem em nome do Senhor.
Hossana nas alturas.

6. Agnus Dei

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi,
miserere nobis.*

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo,
tem piedade de nós.

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi,
miserere nobis.*

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo,
tem piedade de nós.

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi,
dona nobis pacem.*

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo,
dá-nos a paz.

Martina Batič direção musical

Martina Batič é uma das principais maestrinas corais da sua geração. Enquanto vencedora do reconhecido Prémio Eric Ericson em 2006, é elogiada pela sua especial versatilidade na direção de um amplo repertório de coro, que vai da música de câmara à sinfónica.

Na presente temporada, Batič assumiu o cargo de maestrina principal do Ensemble Vocal Nacional Dinamarquês, e muito recentemente foi anunciada como a nova maestrina titular do Coro Gulbenkian. Antes, entre 2018 e 2022, tinha desempenhado funções semelhantes no Coro da Radio France, tendo sido também diretora artística do Coro Filarmónico Esloveno e do Coro da Ópera Nacional Eslovena em Ljubljana.

Natural da Eslovénia, é uma maestrina muito requisitada. Dirigiu o Coro de Câmara RIAs, o Coro da Rádio de Berlim, o Coro da Rádio da Baviera, o Coro da Rádio MDR, o Ensemble Vocal SWR de Estugarda e o Chorwerk Ruhr, bem como o Coro de Câmara Eric Ericson, o Coro da Rádio Sueca, o Coro de Câmara de Helsínquia, o Coro Norueguês de Solistas, o Coro Suomen Laulu & Orquestra Barroca Finlandesa, o Coro de Câmara dos Países Baixos, o Coro da Rádio dos Países Baixos, o Coro da Rádio Flamenga, o Coro Casa da Música, e o Coro e a Orquestra Gulbenkian, entre outros.

Dos principais compromissos da temporada, destaque para novos concertos com o Coro da Rádio dos Países Baixos, o Coro Gulbenkian, o Coro Casa da Música, o Coro da Radio France e o Coro da Rádio de Berlim, além de um convite para colaborar com o Coro NFM de Varsóvia.

Martina Batič dirigiu concertos *a cappella* em vários festivais: Baltic Sea de Estocolmo, Ultima em Oslo, Chorégies d'Orange, Montpellier, Saint-Denis e Présences de Paris. Em 2018,

esteve à frente do Coro da Rádio Sueca e do Coro de Câmara Eric Ericson num concerto de gala por ocasião do centenário do nascimento de Eric Ericson.

Martina Batič obteve a licenciatura em Música na Academia de Música da Universidade de Ljubljana em 2002. Prosseguiu os seus estudos na Universidade de Música e Teatro de Munique, com Michael Gläser, onde concluiu, com distinção, o mestrado em Direção Coral, em 2004. Frequentou masterclasses em diversos países europeus e trabalhou com conceituados maestros corais, entre eles Eric Ericson.

Em 2019, recebeu o prémio nacional esloveno "Prešeren Fund" pelo seu sucesso artístico no domínio da direção coral.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Martina Batič, Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood, além do seu maestro adjunto Pedro Teixeira. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório abrangente que se estende dos primórdios da polifonia medieval à nova música. Apresentou em estreia mundial obras de Francesco Filidei, Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Fez estreias nacionais de obras contemporâneas de Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina, Ligeti, Distler, Kagel ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de João Domingos Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira — a que se junta, em 2024, o *Libera me* de Bomtempo. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal* e *Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *Gloria* de Vivaldi, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* e *Missa em Dó menor* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi, *Missa de Santa Cecília* de Haydn, *Credo* de Arvo Pärt, *Das klagende Lied* de Mahler, *Carmina Burana* de Orff e *Elektra* de Richard Strauss.

Na temporada de 2024, o Coro estreia uma nova obra para coro e orquestra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner. Apresenta também obras de António Pinho Vargas, Sérgio Azevedo e Vasco Negreiros, num ano dedicado a Portugal que justifica regressos à música coral de Lopes-Graça e à polifonia renascentista.

As digressões do Coro Casa da Música já o levaram ao Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e ao Auditório Nacional de Madrid, ao Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, ao Festival Handel de Londres, ao Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, ao Festival Tenso Days em Marselha, aos Concertos de Natal de Ourense e a várias salas portuguesas.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rasonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Coro

Sopranos

Ângela Alves
Ana Caseiro
Eva Braga Simões
Joana Pereira
Leonor Barbosa de Melo
Rita Venda

Contraltos

Ana Calheiros
Brígida Silva
Gabriela Braga Simões
Joana Guimarães
Joana Valente
Maria João Gomes

Tenores

André Lacerda
Fernando Guimarães
Gabriel Neves dos Santos
Jorge Leiria
Simão Pourbaix
Vítor Sousa

Baixos

Francisco Reis
Luís Rendas Pereira
Pedro Guedes Marques
Ricardo Torres
Pedro Lopes
Sérgio Ramos

Pianista correpetidor

Luís Duarte

Maestro Adjunto

Pedro Teixeira

Orquestra

Oboé

Aldo Salvetti
Roberto Henriques

Clarinete

Carlos Alves
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner

Trompa

Nuno Vaz
Eddy Tauber
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Dawid Seidenberg
Severo Martinez
Nuno Martins

Operação Técnica

Palco

Amaro Machado
Rui Brito

Próximos concertos

01+08 SÁBADO 21:00 SALA 2

Future Rocks

serviço educativo | os nossos concertos

02+09+23+30 DOMINGO 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

A Flauta Mágica do Mozart

serviço educativo | primeiras oficinas

António Miguel Teixeira e Sofia Nereida formadores

04 TERÇA 21:00 SALA SUGGIA

Academia de Música Costa Cabral

concerto final de ano letivo

promotor: Academia de Música Costa Cabral

05 QUARTA 18:30 CIBERMÚSICA

Apresentação do livro-álbum *Rasgar*, de Nuno Cristo e Júlio Pereira

05 QUARTA 21:00 SALA SUGGIA

Conservatório de Música do Porto

concerto final de ano letivo

07 SEXTA 21:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Coro Casa da Música

Ensemble Vocal Pro Musica

Coro Infantil Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Natalya Boeva meio-soprano

Terceira Sinfonia de **Gustav Mahler**

08 SÁBADO 21:30 SALA SUGGIA

Buba Espinho Sexteto

promotor: Palmas ao Palco

09 DOMINGO 17:30 SALA 2

Estúdio de Música Rui Massena

concerto final de ano letivo

promotor: Welcome Music

09 DOMINGO 21:00 SALA SUGGIA

Sílvia Perez Cruz — *Toda la vida, un día*

promotor: lm.par

10-16 VÁRIOS ESPAÇOS

Eliminatórias do Prémio Jovens Músicos

11 TERÇA 19:30 SALA 2

Pedro Ferreira

novos valores do fado

15 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Bastien Stil direção musical

Christel Loetzsch meio-soprano

Obras de **Joly Braga Santos** e **Pascal Dusapin**

16 DOMINGO 10:00, 11:30 E 16:00 SALA 2

Por Favor, Maestro

serviço educativo | primeiros concertos

António Miguel e **Paulo Neto** direção artística

19 QUARTA 21:30 SALA SUGGIA

Toquinho 60 anos de carreira convida Camilla Faustino

19 QUA 21:30 ESPLANADA

Academia Valentim de Carvalho

0.5%
DO SEU
IRS
POR UMA
BOA CASA

PORQUÊ APOIAR A FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA?

Com programas educativos, concertos inesquecíveis e projetos comunitários, a Fundação Casa da Música promove a cultura, a educação e enriquece as vidas de milhares de pessoas.

COMO FAZER

No quadro 11 da Declaração Modelo 3, seleccione "Instituições culturais com estatuto de utilidade pública" e inscreva o NIF 507 636 295.

Caso tenha IRS Automático, no momento da confirmação da declaração assinale a caixa que indica que pretende consignar 0,5% do seu IRS e inclua o NIF da Fundação Casa da Música.

Este contributo, sem qualquer custo para si e sem afetar o seu reembolso, permite-nos chegar mais longe.

NIF 507 636 295

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

